

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM ESTUDANTES EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO NO HOSPITAL ERASTO GAERTNER

Adrielle Henequim Francisco

Graduada em Pedagogia pela Faculdade da Indústria – IEL
dri.henequim@gmail.com

Julia Cristina Bazani Banas

Mestre em Educação pela PUCPR,
Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade da Indústria-SJP.
Julia.banas@sistematiefp.org.br

RESUMO

Esse estudo objetiva o desenvolvimento das práticas pedagógicas ofertado aos estudantes em tratamento oncológico. A metodologia adotada baseou-se em uma abordagem de cunho qualitativo utilizando como instrumento de investigação a entrevista estruturada por meio de áudio gravado. Foram analisados as estratégias educativas, os recursos didáticos, dificuldades dos professores, da pedagoga e dos estudantes, a falta que os colegas da escola fazem ao estudante hospitalizado e como é difícil estudar perante ao tratamento em que está sendo submetido. Foi possível compreender que a atuação de uma pedagoga no ambiente hospitalar é de suma importância para garantir o direito a educação dos estudantes e que juntamente com os pais e a equipe de saúde do hospital pode-se garantir um acompanhamento pedagógico eficiente.

Palavras-chave: Escolarização Hospitalar. Práticas pedagógicas. Tratamento oncológico. Estudante Hospitalizado. Direito a educação.

1 INTRODUÇÃO

A criança e o adolescente hospitalizados encontram-se em um momento de vida totalmente modificado, impossibilitado de realizar suas atividades diárias. Em especial no tratamento oncológico, estes permanecem por longos períodos de tempo dentro de um hospital, pois quando a doença é descoberta é necessária a internação para o início das medicações iniciais, passando por diversas fases como a indução ao tratamento e a sua manutenção.

Todo esse processo atinge os estudantes e seus familiares, causando fadiga, estresse emocional e uma certa ansiedade em terminar o tratamento e voltar a escola e sua vida normal. Nesse momento o papel dos profissionais da educação no contexto hospitalar é muito importante, pois, oferece suporte ao estudante no que se refere a escolarização e fomentando a aprendizagem, esperanças, a autoestima e o desejo de continuar a estudar mesmo depois da alta do hospital.

Esta pesquisa justifica-se pelo cuidado maior dos pedagogos e professores com o estudante tanto psicologicamente como pedagogicamente, pois existem dificuldades encontradas na prática pedagógica, entre elas: a inconstância nas condições de saúde dos estudantes em função da doença e dos efeitos da medicação, o que pode levar a desmotivação em relação a sua escolarização.

O motivo de estudar esse tema, surgiu quando a própria autora descobriu a leucemia e teve contato com a escolarização no contexto hospitalar, assim descobrindo um novo campo de atuação ao profissional pedagogo, o que motivou o estudo pelo assunto, vendo a dedicação desses profissionais perante aos estudantes em questão.

A Escolarização Hospitalar busca proporcionar ao adolescente e a criança hospitalizada a continuidade de seus estudos, pretendendo que este estudante retorne ao ambiente escolar sem prejuízos no seu ano letivo. Sendo assim, colocou-se como problema de pesquisa: “Como é executada a prática pedagógica no contexto hospitalar?”

Partindo disso, o objetivo geral referiu-se a compreender o trabalho pedagógico no desenvolvimento das práticas pedagógicas com os adolescentes no hospital, a fim de entender melhor o papel desses profissionais no contexto hospitalar dando um enfoque nas dificuldades deles, dos estudantes e de seus acompanhantes.

Já os objetivos específicos relacionavam-se a: compreender o papel do pedagogo e do professor no contexto hospitalar; identificar quais são as estratégias educativas que são utilizadas para organizar a prática pedagógica e quais são os recursos didáticos utilizados nestas estratégias de ensino e refletir quais as dificuldades encontradas no trabalho desses professores e pedagogos.

A hipótese seria: mesmo com as dificuldades encontradas pelos pedagogos, professores e pelos estudantes devido a situação em que se encontram, o trabalho educacional se mostra fundamental para o desenvolvimento e estímulo pessoal dos estudantes.

2 O PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR

Segundo Paula (2003, p. 18) o lugar do professor era no ambiente formal, porém com o avanço da nossa sociedade não existe mais fronteiras para a ação desse profissional. E “o hospital, conhecido convencionalmente como lugar das

injeções e do sofrimento, passa a ser também espaço do caderno, do lápis, das tintas, do colorido, da alegria e da produção infanto-juvenil.”

Com essa nova configuração, o pedagogo não se restringe somente a escola, pois o ambiente hospitalar também proporciona um lugar de conhecimento, aprendizagens múltiplas, como trocas de experiências e desenvolvimento humano.

Nesse ambiente, esse profissional pedagogo tem seu espaço estabelecido, com uma novo olhar educacional o qual consiste em auxiliar seus estudantes a continuação do estudo perante uma doença,

Delinear concretamente os limites e as possibilidades deste novo campo de trabalho do pedagogo é de extrema relevância para a legitimação profissional e o reconhecimento pelas políticas públicas. O trabalho pedagógico, neste contexto, é certamente uma perspectiva nova, porém altamente pertinente e necessária, não menos complexa, tanto para o pedagogo como para a equipe hospitalar, hospitalizados e acompanhantes (MATOS, 2014, p. 82).

O trabalho desse profissional no contexto hospitalar muitas vezes é mais difícil do que dentro de uma escola, pois ele irá lidar com crianças e adolescentes emocionalmente e fisicamente fragilizados e terá que ter muito preparo para a práxis durante todo o período em que estiver com seus estudantes, que tomam medicações, injeções e passam por procedimentos em que podem ter efeitos colaterais desagradáveis no momento em que está recebendo o atendimento pedagógico.

Muitas crianças e adolescentes ficam longos períodos internados em hospitais, daí a necessidade de um profissional pedagogo dentro nesse local para que seja oportunizado o direito a educação. A presença do professor e do pedagogo nesse ambiente tem como objetivo a aprendizagem do indivíduo e a continuação do seu processo de escolarização.

Este enfoque educativo e de aprendizagem deu origem à ação pedagógica em hospitais pediátricos, nascendo de uma convicção de que a criança e o adolescente hospitalizados, em idade escolar, que não devem interromper, na medida do possível, seu processo de aprendizagem, seu processo curricular educativo. Trata-se de um estímulo e da continuidade dos seus estudos, a fim de que não percam seu curso e não se convertam em repetentes, ou venham a interromper o ritmo de aprendizagem, assim dificultando, consequentemente, a recuperação da saúde (MATOS e MUGIATTI, 2014, p. 68).

Com a preocupação com a continuidade dos estudos desses sujeitos de direitos a educação faz surgir então um novo desafio para o profissional pedagogo no contexto hospitalar.

A educação e saúde no contexto hospitalar andam juntos, segundo Matos e Mugiaatti (2014), são elas que ajudam na recuperação daquele indivíduo que está muitas vezes indefeso e fragilizado, o desenvolvimento e o ânimo o auxiliam na jornada, é essencial ao equilíbrio emocional e social do ser humano, muitas vezes pode auxiliar no quadro clínico em geral, no alívio do stress, da angústia de ficar impossibilitado de frequentar aulas regularmente, de não ver seus amigos de escola, por isso a pedagogia hospitalar busca um ambiente propício e mais parecido possível da realidade da escola.

Diante dos desafios em que esse profissional irá enfrentar em seu trabalho é necessário que, [...] “as professoras que atuam nas classes hospitalares precisam de formação continuada para atender com competência à complexidade que envolve este atendimento pedagógico [...]” (MATOS, 2014, p. 18).

Esses profissionais devem respeitar o limite do tratamento, vendo se o estudante está bem naquele dia, adequando sua metodologia para que a aprendizagem ocorra de uma maneira agradável, e sempre tendo a visão de que, muitas vezes, estes têm limitações, como por exemplo:

[...] mãos imobilizadas por acessos venosos indispensáveis ao tratamento, incapacitando-os temporariamente de escrever, ou tem obstrução das vias aéreas por cânulas que dificultam a comunicação, portanto se quisermos desenvolver alguma ação de aprendizagem faz-se necessário saber deslocar estas formas de expressão que estão prejudicadas para outras que não estejam (MATOS, 2014, p. 71).

Muitas vezes os estudantes sentem revolta ao ficar doente e hospitalizado por muito tempo, impossibilitados a realizar suas atividades do dia a dia, mas na maioria das vezes esses profissionais são bem aceitos por eles, pois contribuem para que estes estudantes se distraiam e esqueçam um pouco da doença.

Devido ao isolamento em que o estudante é submetido, necessário ao tratamento de saúde, cabe ao professor e o pedagogo no contexto hospitalar fazer sempre contato com a escola de origem para “devolver” o estudante hospitalizado a escola, tendo sempre esta esperança consigo, assim, “as dificuldades de estar afastado da escola podem ser minimizadas se houver planejamento articulado entre os professores, ou seja, da professora do hospital e da escola de origem que estão interessadas no sucesso daquele aluno hospitalizado” (MATOS, 2014, p. 18).

O trabalho do pedagogo e dos professores no hospital é de extrema importância durante o período de tratamento da criança e do adolescente, pois dá

suporte ao estudante desenvolvendo sua aprendizagem, auxiliando a querer continuar a estudar mesmo depois da alta do hospital, e num futuro bem próximo estarão valorizando todo esse apoio, essa aprendizagem e esse amor que recebeu, levando para sua vida escolar e pessoal.

2.1 A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Diversos são os desafios, habilidades e situações que o pedagogo irá enfrentar durante sua jornada de trabalho dentro de um hospital pediátrico oncológico, como a inconstância do comportamento das crianças e adolescentes devido aos medicamentos e procedimentos enfrentados durante o tratamento, interagir com seres tão fragilizados e com o compromisso pedagógico, e principalmente saber como lidar em situações de óbito e altas constantes.

Primeiramente este profissional deve conversar com os pais e estudantes que chegam no hospital para saber sobre a etapa da educação em que a criança se encontra:

A rotina diária de trabalho inicia-se com reconhecimento do ambiente, avalia-se a clientela, suas condições físicas e emocionais. Após entrevista inicial com os pais e as crianças, onde são levantados dados referentes à sua vida acadêmica e motivo do tratamento, todas as atividades realizadas são encaminhadas à escola de origem com o parecer pedagógico, apontando as áreas do conhecimento trabalhadas (MATOS, 2014, p. 39).

Depois dessa etapa, entra em contato com a instituição de educação de origem do estudante. A esse respeito Matos (2014, p. 41) afirma que:

[...] as escolas de origem, bem como as Secretarias de Educação para regularização de matrículas e faltas, informando assim a situação do aluno/paciente. Este processo ocorre para as crianças que permanecerão mais de quinze dias internadas ou que deverão, por ordem médica, afastar-se da escola, considerando as questões de imunidade causadas pelos tratamentos de quimioterapia e/ou transplantes.

O pedagogo tem que estar muito bem preparado psicologicamente para enfrentar situações difíceis em seu trabalho, ainda segundo Matos (2014, p. 43, 44) “neste ambiente deve ter clara a noção da perda, dos conflitos sociais, as questões socioeconômicas e culturais; o professor necessita manter o equilíbrio psicológico frente às diversas circunstâncias dos tratamentos”, sendo assim ela analisa uma situação em que a afetividade deste profissional é fundamental aquela criança enferma:

Vamos analisar friamente a situação, imaginemos a seguinte cena: um aluno x, sexo feminino, nove anos, primeira internação, procedimento de cirurgia de apêndice. Até a sua internação passou por situações inéditas em sua vida,

dor exaustiva, a invasão da privacidade, a exposição do seu corpo durante a avaliação clínica, a intervenção medicamentosa endovenosa, a submissão a aparelhos de RX e ecografia... Esperar que encontrássemos esta criança sorrindo no leito é irreal, por isso a afetividade (MATOS, 2014, p. 43).

Claramente, essa afetividade que o professor precisa ter vem acompanhada do respeito pelo estudante que precisa para ser compreendido diante da situação difícil que está vivendo, esse respeito surge dos diversos acontecimentos e comportamentos deste durante o período de tratamento, a baixa autoestima devido à aparência é uma delas.

A esse respeito Matos (2014, p.44) ressalta que,

São frequentes os jovens que se internam para tratamento de câncer e após algumas aplicações de quimioterapia iniciam a queda do cabelo. A baixa autoestima é o primeiro sinal de isolamento; nestes casos se percebe que as alunas/pacientes, mesmo já tendo sido orientadas que em alguns meses seus cabelos voltarão a crescer, somente sentem conformadas e reanimam-se após conversa com o professor. Talvez na escola formal não percebamos que somos referência e espelho das atitudes dos nossos alunos. O professor é para a criança figura de respeito e confiança.

Aproveitando essa confiança que o estudante tem, o professor deve auxilia-lo a superar esse momento difícil, percebendo que pode ser um exemplo a ser seguido e conforta-lo ao dizer que terá a escola no hospital.

Muitas vezes o estudante não consegue render muito em sua aprendizagem justamente por sintomas da doença e efeitos das medicações sendo elas: quimioterapia, corticoides e antibióticos fortes os quais alteram o humor, a concentração, a disposição e a energia. Sendo assim, “[...] o próprio tipo de tratamento podem influenciar no desempenho da criança, o que pode causar danos ao seu processo educativo [...]” (NAZARETH, 2015, p. 21).

Cabe ao professor nessas situações ter competência e respeitar os limites que o tratamento impõe ao estudante, entendo que o tratamento de câncer pode tirar a concentração e a vontade de estudar, os medicamentos muitas vezes trazem diversos efeitos colaterais que impedem esse estudante de prestar atenção nas aulas e de se concentrar para entender o que está sendo ensinado.

Por isso o professor deve sempre procurar a formação continuada para dar conta de todas as dificuldades e desafios que irá enfrentar perante esses estudantes.

Certamente, o professor que deseja atuar no ambiente hospitalar, deverá ter uma formação específica a fim de promover o desenvolvimento de habilidades necessárias para o trabalho neste novo ambiente educacional. Esta formação deverá também propiciar ao professor uma maior compreensão e formação emocional para lidar com possíveis conflitos de

ideias, posições e principalmente com um novo conceito de aluno. Aluno este, acometido por doenças e limitações físicas, emocionais, sociais, etc (SANT'ANNA, 2011, p.29).

O professor que atua em ambiente hospitalar além de “apresentar ampla experiência pedagógica, flexibilidade de trabalho, que irão completar seu perfil para o ambiente hospitalar, deparando-se com mudanças diárias nas enfermarias em que crianças internadas saem de alta ou entram em óbito” e a enfrentar diariamente, “[...] às unidades de internação pediátricas cirúrgicas, oncológicas, transplantes, emergências, doenças infecto-contagiosas” Ele ainda, “deverá estar preparado para avaliar em curto prazo e ofertar conteúdos dirigidos, a idade, ambiente, condições físicas e psicológicas, contaminação e, sobretudo, o tempo de aprendizagem de cada indivíduo” (MATOS, 2014, p.46).

Enfrentando essas diversas situações em que deve superar seus fenômenos emocionais ao tempo todo, esse profissional tem que buscar um equilíbrio emocional para não transparecer aos seus estudantes o quanto está abalado pela perda de um deles. Saber sobre as doenças, os medicamentos, os procedimentos, os tipos de contaminações, conversar pra ver se aquele estudante vai pode ter aula aquele dia, se ele está se sentindo bem e ainda se preocupar com a aprendizagem de cada indivíduo que ali está.

2.2 METODOLOGIA

A seguir encontram-se descritos os procedimentos utilizados na pesquisa, destacando o tipo de pesquisa realizada, os sujeitos participantes, o campo da pesquisa e os instrumentos de coleta de dados.

2.2.1 Tipo da pesquisa

Para compreender melhor como a prática pedagógica é realizada no contexto hospitalar, bem como as dificuldades interferem nesta prática a ponto de prejudicar o trabalho dos profissionais de educação, o processo aprendizagem e o ano letivo dos estudantes, optou-se pela pesquisa qualitativa, pois,

[...] nas pesquisas qualitativas, o conjunto inicial de categorias em geral é reexaminado e modificado sucessivamente, com vista em obter ideais mais abrangentes e significativos. [...] nas pesquisas qualitativas, necessita-se valer de textos narrativos, matrizes, esquemas etc (GIL, 2002, p. 134).

Por esse motivo com a pesquisa qualitativa foi utilizada para conseguir obter os dados de uma forma mais significativa, mais ampla, para analisar as práticas pedagógicas com estudantes, verificando esses dados por meio de entrevista e “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.” (GIL, 2008, p.28)

Considerando como uma pesquisa de campo com o objetivo de:

[...] conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (LAKATOS, 2003, p. 186).

Já segundo GIL (2008, p. 57) “outra distinção é a de que no estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes”. Assim, absorvendo bem o que o grupo de professores do hospital, estudantes, e acompanhantes pensam sobre o determinado assunto e entendendo as práticas pedagógicas realizadas dentro da instituição de saúde.

2.2.2 Perfil dos sujeitos da pesquisa

As entrevistas contaram com a participação da pedagoga e dos cinco professores do hospital, onze estudantes com a idade entre 12 a 18 anos e seis acompanhantes.

A pedagoga do hospital é formada Pedagogia e atua coordenando a equipe do SAREH (Serviço de atendimento à rede de Escolarização Hospitalar), dos cinco professores que responderam, dois são do PEH (Projeto Escolarização Hospitalar), e lecionam do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, três são do SAREH e lecionam do 6º ao 9º ano e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, sendo que estes tem licenciaturas em uma determinada área do conhecimento e lecionam nas áreas de Línguas e Códigos (Língua Portuguesa, Artes/arte, Língua Estrangeira e Educação Física), Ciências da Natureza e Matemática (Matemática, Ciências, Física, Química e Biologia) e Ciências Humanas (História, Geografia, Sociologia, Filosofia e Ensino Religioso).

É importante ressaltar que em relação ao número de estudantes, e atendimentos é inconstante internamentos, altas médicas e falecimentos. O número considerado foi o de frequência nos meses de junho e julho de 2017 que tinham 25

matriculados, o objetivo era entrevistar 50% destes em que se encaixavam na faixa etária escolhida, no caso seriam 12,5, como é número ímpar, foi realizada a entrevista com 11 estudantes, pois algumas vezes se repetiam os indivíduos em que estavam no hospital nos determinados dias em que as entrevistas se realizaram.

2.3.1 Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada na “ala” pediátrica do Hospital Erasto Gaertner, localizado no município de Curitiba-Paraná, este que é hospital referência no tratamento oncológico no sul do país. Segundo o site do HEG (Hospital Erasto Gaertner) em sua Avaliação Mensal de Desempenho do ano de 2017 até então, o hospital contempla 152 leitos contando com as UTI's, com 31.500 pacientes atendidos por ano, sendo que o número de internamentos é 1.031, e o número de casos novos de câncer são 442 só do ano de 2017, o hospital também contempla 4 alas de internamentos, A, B, C e D, sendo que a C é a pediatria e também tem a UTI adulta e a pediátrica.

2.4.1 Instrumentos de pesquisa utilizados

Com o intuito de atingir aos propósitos iniciais da pesquisa optou-se por utilizar a entrevista estruturada como instrumento.

As entrevistas têm “o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação” (GIL, 2008, p.109), por essa razão, é um procedimento rico em quanto a questão de obter informações precisas para compreensão do estudo, justamente para entender o que “[...] as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes” (SELLTIZ¹ et al., 1967, p. 273 *apud* GIL, 2008, p.109).

O recurso de gravação foi escolhido pois: “[...] não exige que a pessoa entrevistada saiba ler e escrever” (GIL, 2008, p.110). Levando em consideração que os estudantes poderiam estar com as mãos imobilizadas com um acesso periférico tomando medicações no momento em que estariam respondendo às perguntas e, sendo esta gravada, não foi preciso escrever ou ler. Também optou-se pela gravação de áudio em relação aos acompanhantes, considerando que alguns são humildes e poderiam ficar constrangidos ao responder questionários. O tipo de entrevista utilizada é denominada de entrevista estruturada onde, “[...] desenvolve-se a partir de

¹ SELLTIZ, Claire et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1967

uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número" (GIL, 2008, p. 113)

Dessa forma, foi realizada uma entrevista gravada em áudio com perguntas abertas com: uma pedagoga, os cinco professores, onze estudantes de 12 a 18 anos, cinco acompanhantes e uma tia desses estudantes para melhor compreensão de todo o contexto das práticas pedagógicas no contexto hospitalar, ou seja, conhecer as dificuldades que professores e pedagogos enfrentam no dia a dia, bem como o ponto de vista dos acompanhantes e estudantes sobre as atividades pedagógicas desenvolvidas.

A entrevista realizada com a pedagoga e com os professores compreendia 7 perguntas abertas, a dos estudantes foi composta de 5 perguntas abertas, já a dos acompanhantes contemplou 4 questões.

2.3 ANALISE DE DADOS

A análise das questões apresenta os resultados dos dados obtidos por meio da participação dos professores, da pedagoga, dos estudantes e de seus acompanhantes ao responderem a entrevista proposta pela pesquisadora. No entanto, neste artigo, optou-se por apresentar a análise de algumas questões realizadas com a pedagoga, professores e estudantes.

2.3.1 Professores e pedagoga

Para referir-se aos professores e a pedagoga os respondentes estão nomeados de: (PG) Pedagoga, (P1) Professor 1, (P2) Professor 2, (P3) Professor 3, (P4) Professor 4 e (P5) Professor 5.

A primeira pergunta referia-se as estratégias educativas e os recursos didáticos que são utilizados na prática pedagógica no hospital.

Pergunta 1- Quais são as estratégias educativas que utiliza para organizar sua prática pedagógica? E quais são os recursos didáticos utilizados nestas estratégias de ensino?

É importante ressaltar que as estratégias utilizadas pela pedagoga diferem das utilizadas pelos professores, devido às próprias especificidades do trabalho que realizam. Desta forma, as da pedagoga estão mais direcionadas aos aspectos gerais do trabalho pedagógico realizado na escola, já as utilizadas pelos professores estão contempladas em seus planejamentos de aula.

Referente aos recursos didáticos: **a pedagoga e dois professores** responderam que utilizam as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) como o documento norteador do trabalho deles dentro da instituição de saúde, o recurso didático mais usado. **Dois** professores disseram utilizar livros didáticos como material de apoio (este que muitas vezes vem da escola do estudante). **Um** disse que utiliza a internet além dos livros didáticos. **Um** disse que a maioria de suas aulas são expositivas.

Destaca-se também que, **a Pedagoga** auxilia os professores na utilização desse documento, para em conjunto organizar cada aula, com cada professor, respeitando as singularidades e necessidades de cada estudante. Isso ocorre independente dos recursos didáticos que ela tenha, pois o que prevalece é a estratégia que ela utiliza pra organizar seu trabalho pedagógico no contexto hospitalar, como explica em sua fala:

“[...] como pedagoga o que eu uso pra na verdade para organizar esses atendimentos são as DCNs é o documento norteador e é ele que eu uso, são as diretrizes do estado, eu sento com o professor para elaborar junto porque ele tem a dificuldade de entender que é pra ele elaborar pra cada um, para cada aluno, então é assim, nós temos o trabalho docente mas a estratégia mais que é o diferencial do SAREH, você vai ter que sentar e elaborar uma atividade de acordo com o que ele conheceu desse aluno, do determinado aluno, como nós temos esse privilégio de atender individualmente então a gente consegue conhecer e perceber a dificuldade que esse estudante apresenta na área pedagógica [...] seria isso a estratégia maior, elaborar a atividade do aluno, pra cada aluno de acordo com as suas necessidades”. (PG).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's), segundo Menezes (2001), “São normas obrigatórias para a Educação Básica que orientam o planejamento curricular das escolas e sistemas de ensino, fixadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE)” e elas,

[...] têm origem na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, que assinala ser incumbência da União “estabelecer, em colaboração com os Estados, Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e os seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar a formação básica comum” (MENEZES, 2001, s/p).

A **P5** diz que também utiliza as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's), porém a do Município de Curitiba, pois trabalha com crianças do 1º ao 5º ano, de diversos lugares do estado do Paraná e até fora dele, ela entra em contato com as escolas destas crianças para que o trabalho fique mais parecido possível com a escola:

"Bom, dentro do trabalho da escolarização estabelecido pelo município de Curitiba, eu trabalho de acordo com as diretrizes municipais que norteiam o trabalho das escolas do Ensino Fundamental do primeiro seguimento e essa mesma forma, essa mesma estratégia é usada no contexto hospitalar também e como nós trabalhamos com crianças de diversas escolas, de diversos municípios e estados, eu geralmente quando vou fazer o trabalho com a criança eu procuro entrar em contato com a escola pra trabalhar de uma forma mais parecida com a escola possível mas o meu norteamento fundamental é de acordo com as diretrizes estabelecidas pela prefeitura de Curitiba"(P5).

Menezes (2001, s/p) diz que “[..] a escola deve trabalhar esse conteúdo nos contextos que lhe parecerem necessários, considerando o tipo de pessoas que atende, a região em que está inserida e outros aspectos locais relevantes” no contexto hospitalar não é diferente, ela é trabalhada conforme a necessidade em que o estudante tem.

Dois professores relataram que é difícil trabalhar com atividades diferentes no contexto hospitalar, por diversos motivos, um deles é o tempo em que eles tem pra lecionar, que é pouco, como evidenciado na fala da **P2**:

[..] eu posso ter vídeos, digamos de astronomia, tenho vários vídeos que estão vinculados a ciência, entra mais em ciências e não outras disciplinas, ai vamos usar o vídeo junto, as vezes quando é acessível utilizo um jogo, mas o jogo é mais difícil, que daí demora mais tempo, demanda mais coisas que as vezes não dá o tempo em que a gente fica com o aluno, a gente também não pode estender muito tempo com o aluno, 45 minutos que a gente tem que respeitar" (P2).

Já o **P4**, relata que as vezes é complicado trabalhar com atividades mais lúdicas, pois as vezes atrapalha os outros estudantes e seus acompanhantes, pois em enfermarias são internadas seis pessoas no mesmo quarto, e que as vezes falta interesse por parte dos estudantes:

[..] eu já tentei utilizar música pra ensinar determinados conteúdos de Sociologia e História, não deu certo! Não deu certo porque a pessoa que eu tentei

usar não demonstrou interesse em realizar a atividade, a reflexão e eu também reparei que a música não agradou quem estava do lado do leito, por que que não agradou? Porque eu não peguei uma música que toca na rede globo de 2017, eu peguei uma música da ditadura militar em um outro contexto né, em 1970 que tinha um outro objetivo de análise, então não tive êxito na atividade porque não foi bem recebida e também reparei que estava incomodando as outras pessoas [...]” (P4)

Levando em consideração a fala dos professores, é evidente que eles tentam lecionar de uma forma mais lúdica para que seus estudantes compreendam melhor os conteúdos, pois a aprendizagem não é medida apenas com um método de avaliação e que segundo Haidt (1994, p. 31) “a aprendizagem é um processo dinâmico, que depende da atividade mental do educando e que se dá por meio da mobilização de seus esquemas de pensamento”.

Durante a realização do plano de aula “deve haver uma harmonia e adequação entre a definição de objetivos, a seleção de conteúdos, a escolha de procedimentos de ensino e a determinação das formas de avaliação” (HAIDT, 1994, p.115) para que este estudante compreenda melhor a matéria, por isso mesmo com aulas expositivas pode-se ter um aprendizado bom se bem administrado pelo professor, ainda segundo Haidt (1994 p. 154) “alguns métodos de ensino individualizantes começa pela aula expositiva, por ser um dos procedimentos de ensino mais antigos e tradicionais, e também o mais difundido nos vários graus escolares”, provavelmente este seja um dos motivos da pedagogia hospitalar manter esse mesmo método, por trabalhar individualmente com cada estudante.

Mas essa avaliação “deve ser realizada em função dos objetivos previstos, pois, se isso não ocorrer, o professor poderá obter muitos dados isolados, mas de pouco valor para determinar o que cada aluno realmente aprendeu” (HAIDT, 1994, p.295), por isso deve usar também recursos tecnológicos como um apoio para a aprendizagem, como alguns professores relataram acima, mesmo que com pouco tempo, pois o que importa é o que aquele estudante conseguiu absorver de tudo isso, como diz Matos:

No século XXI, em plena sociedade da informação e da revolução tecnológica, o atendimento de escolarização hospitalar também pode usufruir de proposta pedagógica e de recursos tecnológicos inovadores utilizados de maneira crítica para auxiliar na aprendizagem, na comunicação e na recreação no período em que o aluno está hospitalizado (2014, p. 17).

Neste sentido, nota-se que o hospital tem diversos recursos didáticos que podem ser utilizados para auxiliar na aprendizagem dos estudantes e que se é cobrado que os professores tenham o que foi trabalhado no papel, dando aulas expositivas, para entregar a escola de origem um parecer qualitativo e quando tentam utilizar uma outra metodologia por vezes que não alcançam os objetivos por diversos motivos, entre eles o tempo e porque dependendo do ambiente em que está acontecendo a aula incomoda as outras pessoas que estão ao redor.

A segunda pergunta refere-se as dificuldades enfrentadas pela pedagoga e pelos professores do hospital.

Pergunta 2- Quais dificuldades encontradas em seu trabalho?

Nesta questão, conforme descrito a seguir, percebe-se as diferentes opiniões dos respondentes, sendo assim justifica-se a impossibilidade de atribuir uma única categoria de análise para as respostas.

A pedagoga afirma que a maior dificuldade é auxiliar o professor a trabalhar conforme a necessidade do estudante. **Um** professor disse que a maior dificuldade encontrada é adequar a atividade ao estudante. **Um** disse que é se acostumar com a realidade do hospital, ser formada em uma área de conhecimento e ter que lecionar várias outras. **Um** disse que é saber onde o estudante está pra ver se dá pra avançar no conteúdo. **Um** disse que é não poder trabalhar da forma que acha mais eficaz. **Um** disse que é conseguir com que as escolas enviem os conteúdos e os objetivos a serem trabalhados com as crianças durante o período de internação.

Devido as diferentes respostas, foi selecionada a respondente **P2**, que disse que a maior dificuldade é se acostumar com a realidade do hospital:

“[...] eu já estou aqui 6 anos, então inicialmente assim é você se acostumar conviver com a realidade do hospital, que as vezes você começa um trabalho no nosso programa e você não tem a ideia real do que você vai trabalhar com o que você vai se deparar, então incialmente é assim, você se acostumar com esse local diferente de trabalho né, porque é diferente da escola é mais tranquilo por um lado porque você trabalha individualmente com os alunos, ou em dupla, as vezes três alunos quando a gente tá em sala de aula mas por outro lado você tem que conviver com o que ele tá sentindo, com o momento que ele tá passando e ai você tem que ter assim uma sensibilidade muito grande pra conviver com esta criança, com o jovem de uma forma que seja bom tanto pro professor quanto pro aluno”(P2)

Esse professor que atua na escolarização hospitalar deve ter toda essa sensibilidade em que foi relatado pela professora P2, esse cuidado com o estudante tanto pedagogicamente falando como afetivamente.

Outra dificuldade em que ela encontra é ser formada em uma área do conhecimento e ter que lecionar várias matérias:

“[...] eu sou formada em Matemática, ai tenho que a partir de trabalhar aqui comecei a trabalhar Ciências, Biologia, Física, Química, ai você tem uma gama de pesquisa e estudos pra fazer pra dar conta desse trabalho também” (P2).

Dificuldade esta que torna complexa a ação dessa professora, pois na sua formação, foi preparada para lecionar Matemática, e na escolarização hospitalar precisa se adaptar pesquisando e estudando para conseguir lecionar as outras matérias que cita a cima.

Todo seu trabalho é em busca do aperfeiçoamento e adaptação em benefício daquele estudante enfermo, e terá que lecionar além de entender todas as suas limitações impostas pela doença, tendo todo o cuidado possível.

O crescimento profissional do professor deve incluir sua busca de fazer parte da equipe de assistência ao educando, tanto para contribuir com os cuidados da saúde, quanto para aperfeiçoar o planejamento de ensino, manifestando-se segundo a escuta pedagógica proporcionada [...] O professor deverá ter a formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas, ter noções sobre as doenças e condições psicossociais vivenciadas pelos educandos e as características delas decorrentes, sejam do ponto de vista clínico, sejam do ponto de vista afetivo. Compete ao professor adequar e adaptar o ambiente às atividades e os materiais, planejar o dia-a-dia da turma, registrar e avaliar o trabalho pedagógico desenvolvido (BRASIL, 2002, p.22).

Portanto, o profissional da educação em um hospital, terá vários desafios ao longo de seu trabalho e um deles é o de se adaptar ao ambiente em que está lecionando, sendo este diferente da escola, onde tudo gira em torno do indivíduo enfermo, adequando seu planejamento, que é individualizado, onde cada um terá uma aula diferente respeitando suas dificuldades de aprendizagem. Este professor terá que aprender a conviver com este ser diante de sua doença, seus conflitos, angustias, medos e ao mesmo tempo aperfeiçoar suas práticas pedagógicas frente ao estudante em questão.

2.3.2 Estudantes (12 a 18 anos)

Para referir-se aos estudantes os respondentes estão nomeados de: (E1) Estudante 1, (E2) Estudante 2, (E3) Estudante 3, (E4) Estudante 4, (E5) Estudante 5, (E6) Estudante 6, (E7) Estudante 7, (E8) Estudante 8, (E9) Estudante 9, (E10) Estudante 10 e (E11) Estudante 11

A primeira questão refere-se as dificuldades encontradas na transição entre a escola regular e a escolarização no hospital, ou seja a diferença que sentem ao depararem-se com o processo de escolarização no hospital, diferente do que estão acostumados no ensino regular.

Pergunta 1- Quais as dificuldades que você encontrou na transição da escola regular para a Escolarização Hospitalar?

Embora, nesta questão, 4 estudantes tenham respondido que não encontraram dificuldades e/ou diferenças da escola regular para o processo de escolarização ocorrido no hospital, os demais respondentes apresentaram diferentes opiniões. Desta forma, justifica-se a dificuldade da pesquisadora atribuir uma única categoria de análise para as respostas.

De acordo com as respostas têm-se os seguintes relatos: **um** estudante disse que não conseguia fazer as atividades no hospital, só no colégio. **Um** disse que não sabia fazer umas contas e quando chegou ao hospital aprendeu a fazer de maneiras diferente. **Um** disse que acha melhor estudar no hospital porque os professores atendem um de cada vez e não uma turma inteira e que ele aprende melhor assim. **Um** disse que pelo fato de ficar longe dos amigos e o ritmo ser diferente é o que mais atrapalha. **Um** disse que por ser um professor por vez é melhor para aprender mas que o convívio com os amigos e fazer trabalho em grupo faz falta. **Um** disse que acha a aprendizagem um pouco diferente do da escola regular. **Uma** disse que no hospital tem mais explicação do que na escola da cidade dela. **Quatro** responderam que não encontraram dificuldade alguma.

Percebe-se que as dificuldades são diferentes mas que 4 disseram que não encontraram dificuldades, talvez por já terem sido avisados que teriam aula pelo hospital ou por não ter entendido a pergunta.

Na resposta da **E6**, nota-se que a sua maior dificuldade é ficar longe dos amigos que tinha na escola e que o ritmo dela no hospital é diferente dos seus colegas que estudam em sua escola de origem.

“A acho que minha maior dificuldade foi ficar longe dos meus amigos e o ritmo também é diferente lá eu “tava” com todas as pessoas estudando comigo aqui eu já estudo sozinha e saber que o nosso ritmo tá sendo diferente lá eles estão bem mais adiantados eles fazem as provas e aqui eu já tô meio atrasada, pelo menos eu não vou perder o ano” (E6).

Observa-se que a preocupação desta estudante deve-se ao fato de ficar muito tempo no hospital, não poder frequentar as aulas, não ter seus amigos por perto.

Favarelli (2012, p.16) contribui a esse respeito ao afirmar que:

A criança, ao ficar doente, se depara com muitos obstáculos no seu cotidiano, como o preconceito dos colegas, a baixa autoestima e o sentimento de incompetência que o toma por completo. Além de todos esses males, também são obrigadas a enfrentar o distanciamento de seus familiares, amigos e atividades regulares do seu dia a dia, ao permanecerem internadas em um hospital (FAVARELLI, 2012, p.16)

O fato do ritmo dela ser diferente do dos colegas em questão, acarreta a ela uma certa “incompetência”, um sentimento em que não deveria existir, percebe-se em sua fala que ela queria estar em aula “normal”, e que se sente atrasada em relação aos demais, terminando a frase em “pelo menos eu não vou perder o ano”, não se convencendo da situação mas compreendendo que não teria outro jeito a não ser estudar pelo hospital.

Já a **E8**, diz que é melhor ter um professor só pra ela, porém também sente falta dos amigos, pois tem vezes que estudar sozinha é muito ruim.

“Aqui tipo é um professor só, que é melhor porque fica perto de você mas o convívio com os alunos, fazer trabalho em grupo, pra mim foi difícil ficar sozinha” (E8)

O estudo no hospital é individualizado, como evidenciado na fala da **E6** e **E8**, só que este método nem sempre traz só benefícios ao estudante:

Na escola hospitalar, parte-se do que o aluno já sabe, uma vez que a aula é individual e caminha-se para o conteúdo formal. Se, por um lado, é mais branda a aproximação entre o real que se apresenta e a representação que o aluno e professor têm sobre ele, por outro corre-se o risco de descentralizar forma e métodos de ensino, o que representa um complicador, já que a intenção é a volta plena para o ensino regular, após o término do tratamento (COVIC e OLIVEIRA, 2011, p. 50)

Baseando-se nisso observa-se que apesar de ter o professor explicando só pra eles, acredita-se que aprendem melhor o conteúdo, porém muitas vezes a falta de ter outra pessoa, como um amigo, por exemplo, pra trocar ideias, estudar junto, interagir, tendo assim um aprendizado mais descontraído como tinham na escola regular,

muitas vezes acarreta um distanciamento do modo do conhecimento, da aprendizagem deste indivíduo que se sente constantemente “atingido” pelo tratamento oncológico impossibilitado de frequentar sua escola de origem.

Pergunta 4- Qual as dificuldades maiores encontradas durante o período de tratamento em relação a sua escolarização?

Nesta questão **Um** disse que fica no colégio pensando em como vai ocorrer o tratamento agora. **Um** disse que a maior dificuldade é não poder ir pra escola por causa da defesa. **Um** disse que é fazer o tratamento em si, pois fica enjoado, fraco, com a imunidade baixa e que não consegue fazer as tarefas. **Um** disse que é ficar sem escola, mas durante o tratamento viu que tinha professor e ela escola. **Um** disse que é ficar longe dos amigos da escola. **Um** disse que é se concentrar nas matérias com tudo o que está acontecendo. **Um** disse que é a Matemática e que não consegue escutar tão bem a explicação. **Dois** disseram que a Matemática é sua maior dificuldade. **Dois** disseram que não tem dificuldades.

Percebe-se que a maioria dos respondentes disseram que sua maior dificuldade durante a escolarização hospitalar foi a disciplina de Matemática, muita gente não gosta e não consegue aprender Matemática, isso devido a vários motivos entre eles: distúrbios ou transtornos que dificultam essa aprendizagem ou por dificuldades anteriores ou ainda pela própria forma que foi ou é trabalhada a disciplina.

Pode ser que estes estudantes não apresentem esse transtorno mas o que pode acontecer, que é o mais provável é que o ambiente hospitalar onde a aprendizagem exige mais, há muitos espaços físicos em que a concentração é tarefa árdua, onde se tem muito barulho, e onde este estudante está passando por momentos difíceis, pode colaborar para que não consiga atingir resultados de aprendizagem. Como evidenciado na fala da **E8**: “*Se concentrar nas matérias com tudo que está passando é difícil*”.

Para o adolescente, entre muitas implicações que acarreta o diagnóstico de câncer pode prejudicar o desenvolvimento da sua identidade, levando-o a perder o sentido de sua continuidade histórica e a perspectiva de futuro, pois a hospitalização traz consigo a percepção da fragilidade, do desconforto da dor e a insegurança da possível finitude. [...] O distanciamento dos amigos, o afastamento de casa, o administrar o tratamento, o conviver com condutas invasivas e cirúrgicas necessárias, o lidar com a mudança no ritmo e estilo de vida, o abandono de projetos, de sonhos, e a inevitável interrupção dos estudos. Frente a esta realidade, como fica a vida escolar deste adolescente? (MATOS e TORRES, 2010, p. 289)

Observa-se que nesse período, as dificuldades e os desafios enfrentados são grandes, cada estudante tem a sua em particular, porém ter que conviver com a vida totalmente modificada por um tratamento oncológico é o mais complicado de todas, é inevitável que este estudante não se sinta “ameaçado” pela realidade em que agora se encontra, e precisa muitas vezes se esforçar para conseguir aprender no contexto em que está inserido.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do presente estudo, constata-se que as práticas pedagógicas em ambiente hospitalar são de suma importância não só para a continuidade dos estudos dos estudantes mas também para colaborar em seu estado clínico, facilitando a recuperação, elevando a autoestima, dando esperanças, como também auxiliando a manter a mente “ocupada”, para não ficar somente pensando na doença em si.

Na análise dos dados, pode-se constatar que todos os sujeitos da pesquisa têm dificuldades bem presentes, sejam os professores e a pedagoga em sua prática pedagógica, o pouco tempo para lecionar, o barulho pertinente de crianças pequenas nos ambientes que constantemente atrapalham a concentração dos estudantes, a formação acadêmica que muitas vezes não dá o suporte que precisam para se trabalhar nesse ambiente, principalmente os professores do SAREH (Serviço de atendimento à rede de Escolarização Hospitalar) que são formados em licenciaturas, e as vezes em que não conseguem que o contato com a escola de origem daquele estudante para que colaborem mandando materiais e os estudantes em matérias específicas, ficar longe dos amigos da escola sem ter com quem estudar junto, de estudar em si além do que está se passando no momento, como dor, uso de medicamentos, sentimentos como angustia e ansiedade na esperança que tudo acabe de uma vez e volte a rotina em tinha antes do diagnóstico.

O fato da pesquisadora ter optado pela entrevista como instrumento de pesquisa, possibilitou o alcance dos objetivos propostos, pois ela é mais abrangente e proporciona mais informações a respeito das perguntas solicitadas e por ter contato com o pessoal favoreceu a participação dos sujeitos respondentes.

As recentes pesquisas desenvolvidas na área da escolarização hospitalar colaboraram para a compreensão das práticas pedagógicas presentes em alguns hospitais, assim como da contextualização histórica, de como tudo começou e do que vem sendo feito pelo direito a educação desses estudantes, das dificuldades em que

os profissionais da educação enfrentam todos os dias nesse contexto, porém as dificuldades dos estudantes e de seus acompanhantes não apresenta muitas publicações, por essa razão foram utilizados artigos que tratassem de dificuldades específicas, como por exemplo, a Matemática que foi citada pelos estudantes, para complementação.

Percebe-se que os profissionais da educação juntamente com os pais e os profissionais da saúde no contexto hospitalar colaboram como uma equipe multiprofissional para com aquele estudante em questão, objetivando a escolarização como deve ser, por isso é importante que todos trabalhem juntos.

Enfim, devido a importância que a escolarização hospitalar tem, tanto para a continuidade dos estudos dos estudantes, como também para colaboração do estado de saúde, bem como as dificuldades em que os profissionais da educação, os estudantes e seus acompanhantes enfrentam ao encarar uma doença como o câncer, tão presente na nossa sociedade atual e ao mesmo tempo se deparar com o estudo que não pode ser esquecido. Ressalta-se a necessidade da continuidade de estudos futuros voltados a aprofundar como as dificuldades observadas nos estudantes prejudicam sua concentração nos estudos e de que maneira ocorre o retorno desses estudantes na escola após receberem alta do hospital.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar:** estratégias e orientações. Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC; SEESP, 2002.

COVIC, Amália Neide; OLIVEIRA, Fabiana Aparecida de Melo. **O aluno gravemente enfermo.** São Paulo: Cortez, 2011.

FAVARELLI, Aparecida da Silva. **Dificuldades enfrentadas pelos pedagogos na área da Pedagogia Hospitalar.** Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade Cenecista de Capivari. Capivari - SP: CNEC, 2012. 30p.

Gil, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

HAITD, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral.** São Paulo: Ática, 1994.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas 2003.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira (org.). **Escolarização hospitalar:** educação e saúde de mãos dadas para humanizar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar:** a humanização integrando educação e saúde. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; TORRES, Patrícia Lupion (orgs.). **Teoria e prática na pedagogia hospitalar:** novos cenários, novos desafios. Curitiba: Champagnat, 2010.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Verbete DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais).** Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrasil. São Paulo: Midamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/dcns-diretrizes-curriculares-nacionais/>>. Acesso em: 21 de ago. 2017.

NAZARETH, Cátia Aparecida Lopes. **Atendimento escolar à criança hospitalizada:** classes hospitalares. Curitiba: InterSaber, 2015.

PAULA, Ercilia Maria Angeli Teixeira de. **Educação, diversidade e esperança- A práxis pedagógica no contexto da escola hospitalar.** Salvador: UFBA [Tese de doutorado em Educação], 2003.

SANT'ANNA, Alecsandra Dos Reis Zucoloto de; PINTO, Leiza de Oliveira; SOEIRO, Wailla Paola. **Pedagogia hospitalar:** uma modalidade de ensino em diferentes olhares. Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Licenciatura em Pedagogia da Escola Superior de Ensino Anísio Teixeira, SERRA, 2011.

ABSTRACT

This study aims to develop the pedagogical practices offered to students in cancer treatment. The methodology adopted was based on a qualitative approach using as a research instrument the interview structured by means of recorded audio. Educational strategies, didactic resources, difficulties of teachers, pedagogues and students, the lack of schoolmates made to the student hospitalized and how difficult it is to study the treatment in which they are being studied. It was possible to understand that the performance of a pedagogue in the hospital environment is of paramount importance to guarantee the right to education of the students and that together with the parents and the health team of the hospital one can guarantee an efficient pedagogical accompaniment.

Keywords: Hospital Schooling. Pedagogical practices. Cancer treatment. Inpatient Student. Right to education.